



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA**

WILIAN VEZZARO

FILME CEU: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DE FILMAR O OUTRO

Pelotas/RS

2018

WILIAN VEZZARO

FILME CEU: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DE FILMAR O OUTRO

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em (Cinema e Audiovisual ou Cinema de Animação) no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Prof. Roberto Cotta

Pelotas/RS

2018

WILIAN VEZZARO

FILME CEU: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DE FILMAR O OUTRO

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em (Cinema e Audiovisual ou Cinema de Animação) no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em _____.

Banca Examinadora:

Nome do professor orientador com titulação

Nome do primeiro professor da banca com titulação

Nome do segundo professor da banca com titulação

RESUMO

Através de um relato das vivências do diretor, o presente artigo busca apresentar o processo de confecção do filme *CEU (2018)* durante as suas etapas, desde a elaboração do roteiro até a montagem. Além disso, pretende-se compreender as perspectivas de 13 estudantes residentes na Casa do Estudante Universitário da UFPel por meio de seus depoimentos, presentes no filme. Os entrevistados relatam suas dificuldades ao chegar numa nova cidade e abordam uma série de outras questões. Através dos seus depoimentos, é possível perceber que houve uma falta de preparo assistencialista da UFPel para recebê-los, o que se reflete na problemática encontrada durante a expansão da Universidade após a adesão ao REUNI e ao SISU. Por fim, ainda é feita uma analogia entre as histórias dos entrevistados e as experiências vividas pelo diretor após ingressar no curso de Cinema e Audiovisual da UFPel.

Palavras-chave: UFPel; vulnerabilidade socioeconômica; Casa do Estudante; documentário.

ABSTRACT

Through an account of the director 's experiences, this article seeks to present the process of making the CEU film (2018) during its stages, from the elaboration of the script to the assembly. In addition, we intend to understand the perspectives of 13 students residing in the University Student House of UFPel through their testimonies, present in the film. Respondents report their difficulties in arriving in a new city and address a number of other issues. Through their testimonies, it is possible to perceive that there was a lack of assistance training of UFPel to receive them, which is reflected in the problems encountered during the expansion of the University after joining REUNI and SISU. Finally, an analogy is made between the stories of the interviewees and the experiences of the director after joining the Cinema and Audiovisual course at UFPel.

Keywords: UFPel; socioeconomic vulnerability; Student House; documentary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Foto de making of	p. 14
Figura 02 – Foto de making of	p. 14
Figura 03 – Frame do filme: entrevista com Sarah Marçal	p. 15
Figura 04 – Frame do filme: entrevista com Wander Catarina dos Santos	p. 17
Figura 05 – Frame do filme: entrevista com Landa Ciccone	p. 18
Figura 06 – Frame do filme: entrevista com Guilherme Guiraldelli Moreira (Monique Landelli)	p. 20
Figura 07 – Frame do filme: entrevista com Naum	p. 21
Figura 08 – Frame do filme: entrevista com quarto 410	p. 23
Figura 09 – Frame do filme: entrevista com quarto 410	p. 24
Figura 10 – Frame do filme: entrevista com quarto 410	p. 25
Figura 11 – Frame do filme: entrevista com Ryan	p. 26
Figura 12 – Frame do filme: entrevista com Grazielle Bessa	p. 27
Figura 13 – Frame do filme: entrevista com Marco Antônio e Naylson Costa	p. 28
Figura 14 – Foto dos moradores no dia da desocupação do prédio da antiga CEU UPFeI	p. 35

SUMÁRIO

Introdução	p. 7
1. O desejo de compreensão do Outro	p. 10
2. O encontro com o Outro	p. 14
3. A reflexão sobre o que o Outro diz	p. 29
Considerações finais ou Quando o outro também sou eu	p. 33

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe-se a descrever o processo de confecção do média-metragem *CEU*. O filme foi realizado e idealizado em 2015 para a disciplina Cinema Documentário do quarto semestre do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel. Nos anos que se passaram, a obra transformou-se estruturalmente. Aquilo que a princípio era um curta, virou um média, com perspectivas para um longa. O que era uma procura para descobrir quem eram e o que buscavam os moradores da Casa do Estudante da UFPel, se mostrou ir muito além, convertendo-se em um filme que fala de resistência sob um viés histórico e antropológico. Na perspectiva de relatar sobre o processo de criação da obra e sobre o tema que ela aborda em sua trama, aproveito a ocasião para apresentar esse relato a seguir.

Foram os personagens que construíram o enredo. Por mais que já houvesse um roteiro esboçando as perspectivas de direção, não podia se imaginar qual seria o resultado final, pois a ideia do projeto era justamente deixar o papo fluir, como uma verdadeira conversa entre amigos. Inicialmente as questões eram adaptáveis, o foco era entender melhor a visão de mundo das pessoas com quem se conversa, as motivações que as trouxeram até Pelotas e por que escolheram morar na Casa do Estudante Universitário.

O documentário, que até então era apenas um esqueleto de ideias jogadas no papel, foi ganhando corpo e roupagem durante as entrevistas, construindo uma narrativa através daquilo que os personagens foram apresentando em suas falas sobre a assistência estudantil, a própria Casa do Estudante e seus direitos como estudantes com vulnerabilidade socioeconômica.

O filme, assim como o título já anuncia, traz como tema principal a Casa do Estudante Universitário da cidade de Pelotas, que aqui funciona como um personagem principal, que permeia todos os entrevistados e costura as conversas vez ou outra, funcionando assim como uma espécie de background narrativo e atuante. O prédio onde foi gravado o filme está desativado há um ano. O filme, então, funciona como um arquivo histórico, social e antropológico do local. Acompanhamos 13 personagens dos mais variados lugares do Brasil. Através de uma conversa contínua, eles nos contam como

eram suas vidas antes da Casa e o que os motivou a entrar na universidade pública. Seus discursos vão se alterando e revelando como é morar em um alojamento estudantil e ser uma minoria em um local feito para a “maioria”.

A obra possui uma trama que se constrói através de pequenos arcos narrativos, blocos que nos contam pequenas histórias, apresentando um arcabouço de experiências vivenciadas na Casa do Estudante. Ao todo o filme é composto por quatro partes que nos fazem mergulhar num universo particular. Cada uma traz um tema específico que ajuda a construir um conjunto de reflexões sobre o papel da universidade pública na vida das pessoas.

O primeiro dos quatro trechos transmite informações sobre os personagens que nos acompanharão até o fim do documentário. Nesse início compreendemos melhor as aspirações de 13 atores e atrizes sociais em uma aproximação entre eles e equipe através de uma série de entrevistas.

Na sequência, o documentário se concentra em compreender melhor como foi a chegada dos estudantes na Casa e como souberam da existência de um local que servisse de moradia para os alunos sem condições de custear uma residência. Os entrevistados também discorrem sobre as etapas de inserção nas políticas públicas de inclusão da UFPel, citando o alojamento provisório¹, e contam como foram suas mudanças para a Moradia Estudantil e as primeiras impressões que tiveram do prédio.

Na terceira parte, a história da Casa do Estudante nos é apresentada, trazendo questões sobre a assistência estudantil por direito, abordando desta forma o papel do PNAES – Plano Nacional de Assistência Estudantil² e seu gerenciamento na UFPel. Além disso, os discursos dos personagens trazem informações sobre os problemas

¹ Alojamento provisório: o site da PRAE UFPel não possui qualquer descrição sobre o que seria isso. Resumidamente, o alojamento provisório da UFPel é uma espécie de casa de passagem, onde os alunos ingressantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica e oriundos de locais distantes da cidade de Pelotas são encaminhados quando não têm onde ficar. Geralmente permanecem lá até que uma vaga na Casa do Estudante seja liberada.

² O Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) apoia a permanência de estudantes de baixa renda matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior (Ifes). O objetivo é viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, a partir de medidas que buscam combater situações de repetência e evasão. O Pnaes oferece assistência à moradia estudantil, alimentação, transporte, à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico. As ações são executadas pela própria instituição de ensino, que deve acompanhar e avaliar o desenvolvimento do programa.

estruturais da instituição, fator importante para entendermos as formas de exclusão e permanência deles na universidade, fazendo compreender como a comunidade universitária e a sociedade em geral os enxerga.

A última parte se debruça sobre as experiências vivenciadas por estes estudantes na Casa. A falta de um espaço qualificado que assegure a intimidade e integridade física e psicológica dos estudantes, influencia diretamente no aproveitamento dentro da sala de aula, a saudades de casa e as dificuldades de adaptação em um local mal estruturado, os impactos da expansão pós SISU³/REUNI⁴. Mas muito além disso, nos deixa refletindo sobre o papel da universidade na vida do indivíduo.

Este trabalho de conclusão de curso se divide em três capítulos, e tem como objetivo descrever e analisar as etapas de produção do documentário *CEU*. Portanto, ao decorrer das páginas desta pesquisa o leitor se deparará com a apresentação do processo de criação do filme, desde o nascimento da ideia até as perspectivas futuras para o média-metragem aqui já descrito.

No capítulo inicial, intitulado *O desejo de compreensão do Outro*, temos os primeiros contatos com as motivações do diretor para a criação do filme, como conheceu a Casa do Estudante, a criação antes mesmo da proposta e do projeto, e até mesmo do roteiro; o referencial fílmico, a pesquisa e o estudo técnico e teórico para que tivesse como resultado o filme *CEU*. Já no capítulo seguinte, *O encontro com o Outro*, nos apresenta os primeiros contatos entre diretor e possíveis entrevistados, a composição da equipe, o projeto sendo posto em prática durante as diárias de gravação, os desafios do inesperado em set, a interação entre equipe, diretor e os estudantes que fizeram parte do documentário. Somos então levados para os três dias de gravação do mês de outubro de 2015.

³ SISU: O Sisu é o sistema informatizado do Ministério da Educação por meio do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas a candidatos participantes do Enem.

⁴ REUNI: A expansão do ensino superior conta com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que busca ampliar o acesso e a permanência na educação superior. A meta é dobrar o número de alunos nos cursos de graduação em dez anos, a partir de 2008, e permitir o ingresso de 680 mil alunos a mais nos cursos de graduação. Para alcançar o objetivo, todas as universidades federais aderiram ao programa e apresentaram ao ministério planos de reestruturação, de acordo com a orientação do Reuni. As ações preveem, além do aumento de vagas, medidas como a ampliação ou abertura de cursos noturnos, o aumento do número de alunos por professor, a redução do custo por aluno, a flexibilização de currículos e o combate à evasão.

Ao adentrarmos o capítulo final, *A reflexão sobre o que o Outro diz*, nos deparamos com o processo de montagem, finalização e distribuição do média-metragem. Um processo que durou em média três anos, com pausas e desafios pessoais do diretor, além da falta de estrutura para conclusão do projeto. O capítulo então observa a técnica de construção narrativa através da montagem, a qual ocorre por meio da reflexão do discurso do Outro, mostrando assim como foi concebido o filme.

1. O DESEJO DA COMPREENSÃO DO OUTRO

Quando adentramos na universidade pública conhecemos novas pessoas, de diferentes locais, com diferentes pensamentos, vivências, raças, gêneros, enfim, dos mais variados contextos possíveis. Foi assim que eu, diretor do filme pensei o documentário *CEU* (2018). Partindo do desejo de conhecer o outro, ao passar dos anos de curso, vi nascer uma curiosidade dentro de mim, e dela vi brotar uma possibilidade de saná-la através do cinema. Dessa curiosidade, surgiu a vontade de saber o que o outro tem a dizer, aquilo que cada um carrega em experiências vividas, sua visão de mundo através de sua voz.

A partir do ano de 2010, com a implantação do REUNI, as universidades públicas passaram por um processo de ampliação em seus cursos. Entretanto, apesar do aumento de cursos e alunos após implementação do SISU, a UFPel não investiu no aumento de sua estrutura assistencialista. Desse modo, ficou despreparada, carecendo de suporte para pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Em 2015, fiz uma visita a Casa do Estudante da UFPel pela primeira vez e, durante uma conversa com moradores do local, tive a ideia de criar um filme que falasse sobre aquele espaço e aquelas pessoas, com suas percepções e singularidades. Uma forma de sanar temporariamente aquela curiosidade e o desejo da compreensão do outro se deu através do cinema. A partir daí, começou-se um processo de entendimento daquele espaço, buscando saber qual era o papel da moradia estudantil e, acima de tudo, entender o perfil dos alunos que ocupavam suas vagas.

Em busca de informações sobre o local, encontrou-se o site da PRAE⁵, que, em 2015, tinha o seguinte texto em suas páginas:

A Moradia Estudantil é uma das ferramentas de política de assistência estudantil adotada pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, através da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE ela é mantida pela Instituição há mais de trinta anos. Diante da realidade que nem todos os estudantes conseguem participar do ambiente universitário por requerer disponibilidade de tempo e de recursos financeiros, a UFPel propicia a moradia estudantil. Esta é destinada aos alunos de ambos os sexos dos cursos de graduação que sejam desprovidos de recursos socioeconômicos e oriundos, preferencialmente, de outras localidades. (PRAE, 2015)

Com base nessas informações sobre a Casa do Estudante da UFPel, apresentadas por uma ótica institucional, partiu-se para uma pesquisa mais direta. Então buscou-se conversar com representantes do movimento estudantil local e com moradores e antigos moradores da Casa, tendo como intuito conhecer melhor o local. Além disso, apenas com indicações mais concretas sobre o real funcionamento dessa moradia estudantil é que se poderia ter um planejamento de abordagem mais correto, para que assim pudesse haver uma estratégia de aproximação dos personagens, contribuindo com uma espécie de pré-inserção da equipe no ambiente da Casa do Estudante, podendo, dessa forma, conhecer melhor cada um dos moradores que seriam entrevistados.

O roteiro veio logo em seguida, partindo da coleta de dados e do primeiro contato com alguns moradores. Deu-se início à escrita do argumento que seria apresentado à disciplina de Cinema Documentário, no quarto semestre do curso de Cinema e Audiovisual, em 2015. Então, foi feita uma pesquisa teórica e pragmática, partindo primeiramente do estudo das técnicas do cineasta Eduardo Coutinho, diretor de uma ampla gama de filmes como *Cabra marcado para morrer (1984)*, *Jogo de Cena (2007)* e *O princípio e o fim (2006)*. Conhecido pela arte do saber ouvir o Outro, Coutinho foi um dos maiores documentaristas brasileiros de todos os tempos, destacando-se por dar voz

⁵ PRAE: Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

a pessoas comuns através de seus filmes, foi morto em 2014 por seu filho esquizofrênico dentro de seu apartamento.

Para a construção do filme *CEU*, focou-se em estudar a estrutura e os métodos de abordagem usados no documentário *Edifício Master* (2002). Nele, o diretor Eduardo Coutinho e sua equipe passaram um período morando dentro de um grandioso edifício em Copacabana, no Rio de Janeiro, onde conversaram com 37 moradores, extraindo histórias íntimas e pessoais. Assim como no filme *CEU*, os moradores também são provenientes de diversos locais e origens, com idades variadas e histórias de vida diversificadas, habitando todos em um mesmo local. Através de pesquisa via *Internet*, mais especificamente na plataforma de vídeos YouTube, encontrou-se um filme chamado *Coutinho.doc - Apartamento 608* (2009). Realizado por Beth Formagini, produtora e assistente de Eduardo Coutinho, trata-se de uma espécie de *making of* tardio do filme rodado em 2002, em que se consegue capturar a intimidade do processo criativo do cineasta e sua relação com a equipe durante as filmagens de *Edifício Master*.

Após o estudo ter se debruçado sobre as práticas cinematográficas de Coutinho, partiu-se para um aprofundamento teórico que pudesse refletir o fazer documentário. Foi então que o pesquisador descobriu a obra de Bill Nichols (1991), em que temos uma reflexão diante do ato de fazer cinema sobre o Outro. Nichols nos informa da importância da ética no documentário, trazendo como questão fundamental para regular a conduta entre realizador e entrevistados.

Em seguida Comolli (2008) foi inserido na construção do filme. Através dos relatos do autor, presentes em seu livro *Ver e poder*, conseguimos ter um panorama sobre a prática da entrevista. Para o autor:

Antes de tudo, organizar o menos possível, e, nos momentos de graça, não organizar nada. Deixar, então nossos personagens, sozinhos ou juntos, se encarregarem da organização de suas intervenções e aparições em cena. Responder às suas proposições em vez de fazê-los entrar nas nossas. Como se, em uma ficção, em vez de mandar os atores trabalhar, seguissemos a lógica dos personagens: não se trata mais de “guiar”, mas de seguir. (COMOLLI, 2008, p.54)

Ao utilizar esses conhecimentos atrelados com as intenções já criadas para o filme, pode-se comparar o que buscava como resultado e como deveria comportar-se para atingi-lo.

No decorrer da criação do roteiro, a equipe foi se formando, num processo que se deu através da sala de aula. Como o documentário *CEU* foi delineado primeiramente para uma disciplina acadêmica, grande parte dos membros da equipe eram colegas meus ou estudantes de outros semestres do mesmo curso. A formação original foi se desfazendo até ficarem apenas quatro integrantes. Mais tarde, durante a fase de realização do filme, agregaram-se mais pessoas ao grupo. No entanto, a equipe do filme era pequena, e o grosso do trabalho sempre se deu entre três ou quatro profissionais no *set*. O intuito era causar o mínimo de interferência possível na realidade que se encontraria, e uma equipe muito numerosa poderia ocupar um espaço físico considerável, o que era inviável devido ao espaço reduzido nos quartos da Casa do Estudante. Além disso, buscava-se permitir também que os entrevistados se sentissem à vontade durante a conversa, criando um grau de intimidade entre eles e a equipe.

Com o roteiro em mãos e o grupo de trabalho formado, era hora de iniciar o processo de seleção dos entrevistados. Durante o início do projeto, foram realizadas algumas reuniões com os moradores da casa, levando em consideração a necessidade de estabelecer prazos e cronogramas, apresentar o roteiro, o projeto, mas principalmente esclarecer e salientar aos moradores o real propósito da realização do filme. Existia uma necessidade de conversar com o prédio todo para saber quem tinha interesse em participar das entrevistas. No entanto, a moradia estudantil possuía um sistema de autogestão, onde os próprios moradores se organizavam por conta própria. Através de uma representante da Casa do Estudante na época, que possuía um controle sobre o ingresso e a saída dos moradores da casa, foram selecionadas pessoas que, de fato, gostariam de compartilhar suas próprias histórias, bem como disseram se sentir confortáveis diante da câmera. Depois de se pré-selecionar alguns perfis, fui até a Casa apresentar e conversar com um a um dos possíveis futuros entrevistados. Conhecendo pessoalmente cada um, pôde-se perceber que grande parte era proveniente de periferia ou de regiões afastadas dos grandes centros. Além do mais, a maioria era negro ou pardo, e a partir daí começou-se a traçar uma linha condutora que servisse de base para

as intencionalidades narrativas e estéticas do filme. Finalizada a fase de pré-produção do filme, a equipe partiu para a mobilização de esforços para a realização das filmagens.

2. O ENCONTRO COM O OUTRO



Figura 01 – Foto de making of



Figura 02 – Foto de making of

Os registros audiovisuais do filme *CEU* foram realizados entre os dias 10 e 12 de outubro de 2015, sempre num período vespertino. Em média, gravamos 4 entrevistas por diária, cada uma com duração entre 60 e 90 minutos. Essas entrevistas foram registradas simultaneamente por três câmeras e um gravador sonoro Zoom H4n, sendo acompanhadas pelo trabalho de quatro membros da equipe. Todos os dias, chegávamos no prédio e apresentávamos para o segurança que ficava na recepção a autorização assinada pela Pró Reitora de Assuntos Estudantis da UFPel. Depois disso, subíamos até

o quarto onde tínhamos marcado nossa primeira entrevista do dia. A maior dificuldade trazida por esse processo era encontrar os condôminos em seus respectivos quartos, para que pudéssemos filmá-los durante os horários estipulados.

A primeira pessoa a ser entrevistada naquele 10 de outubro foi Sarah Marçal. Chegamos em seu quarto e fomos nos apresentando a ela, pedindo licença para montarmos nosso aparato técnico e buscando o melhor lugar para posicionarmos as câmeras e obtermos um enquadramento. Além disso, testamos o som e a iluminação de forma muito rápida e orgânica. Então, Sarah e eu nos sentamos na cama onde ela dormia. Um colchão de solteiro bastante surrado pelo tempo, adaptado em cima de paletes de madeira que exerciam a função de cama, postos num canto do chão do quarto. Assim que som e a foto estivessem prontos, dávamos início ao registro sonoro e imagético. Entre uma interrupção e outra, o que fez parte do jogo de gravação, várias vezes em *set*, conversamos por quase uma hora. Sempre que iniciávamos a conversa, pedia aos entrevistados para que se apresentassem, com seu nome, idade, cidade de origem e o curso que faziam.



Figura 03 – Frame do filme: entrevista com Sarah Marçal

Sarah é nascida em Ipatinga, no interior de Minas Gerais, no entanto morou grande parte de sua vida em São Paulo capital. Lá, cursava Engenharia de Produção, mudando-se para Pelotas com o intuito continuar o curso em uma universidade pública. Contudo, acabou mudando de curso após a mudança, ingressando na Gastronomia. Ela conta que durante esse processo, passou por algumas dificuldades que a fizeram modificar sua visão frente à sua escolha de curso. Diz que quando veio para Pelotas achou que haveria algum amparo da universidade, e que, entretanto, não havia nada, apenas uma tristeza por estar tão longe de casa em tais condições. Além disso, Sarah discursa sobre sua vivência no alojamento provisório, local onde ficou morando durante os primeiros meses na cidade. Ela nos diz que teve sorte, pois ficou em um quarto com mais quatro meninas. Porém, nessa mesma época, haviam quartos coletivos onde dormiam em média 30 pessoas. Antes de vir pra Pelotas, ela afirma que possuía outras prioridades. Todavia, a entrevistada revela como sua vida era antes e como é agora. Segundo ela, passar fome e necessidades básicas fazem você refletir sobre o que realmente é uma prioridade em sua vida.

Para a entrevistada, a Casa do Estudante é um tratamento de choque para quem vem de longe, pois não dá condições para uma sobrevivência adequada. O prédio não possui cozinha, não tem sala, nem onde lavar um copo sequer. A água do chuveiro é usada para fazer café, chá ou massa instantânea, assim como não existe auxílio financeiro para a aquisição de livros e xerox. Ademais, não há privacidade para estudar, pois várias vezes outros estudantes chegam em seu quarto pedindo conselhos, por questões ligadas à própria saúde mental, que é naturalmente afetada por essas condições de vida apresentadas. A casa é cheia de gente com problema pedindo ajuda pra outros pessoas, com ainda mais problemas. Segundo Sarah, o mais difícil dentro da universidade é sobreviver.



Figura 04 – Frame do filme: entrevista com Wander Catarina dos Santos

No quarto em frente, estava Wander Catarina dos Santos, 22 anos, que também é de São Paulo. Ele foi o único morador que tivemos a oportunidade de fazer uma pré-entrevista, método inspirado por Eduardo Coutinho e sua técnica empregada no filme *Edifício Master*, onde sua equipe fazia uma prévia entrevista para compilar assuntos e escolher seus entrevistados. Desse modo, já existiam algumas questões em mente para serem exploradas durante a execução da entrevista. Fizemos um café, e fui lhe apresentando a equipe. Trocamos meia dúzia de palavras, enquanto a equipe se organizava e Wander fechava um cigarro de palha. Com um café em mãos, nos sentamos em seu beliche. Nesse momento, ele ascendeu o cigarro e começamos a conversar.

Sem saber onde iria morar Wander veio para Pelotas munido apenas com a vontade de sair de sua cidade e de estudar Relações Internacionais. *A priori* pensava em dormir na rodoviária durante alguns dias até achar um local para residir em definitivo. No entanto, no ônibus que vinha para Pelotas, conheceu uma menina que o informou sobre a Casa do Estudante e o alojamento provisório, que poderiam ser uma alternativa para sua condição. Ao conseguir uma vaga, ele foi encaminhado para o alojamento provisório, onde ficaria até ser liberado um quarto na Casa do Estudante. Porém, o alojamento que era preparado para receber 10 pessoas, chegou a um número estimado de 70

moradores. A estrutura da UFPel não estava preparada para o tanto de alunos que estavam vindo estudar em Pelotas depois do SISU. A área onde se localizava o alojamento provisório era bastante perigosa e violenta, e casos de assalto já vinham sendo relatados pelos alunos quando se deu a transição do alojamento para a Casa do Estudante. Wander nos conta sobre um assalto ocorrido que resultou em um estudante em coma, e outro com uma perna quebrada. Depois disso, a desocupação do alojamento foi imediata, os estudantes vieram para a moradia estudantil sem saber seus respectivos quartos, os pertences pessoais ficaram espalhados pela recepção, o entrevistado relata como um momento de muita confusão e falta de organização por parte da instituição, o que resultou em muitos transtornos psicológicos para os estudantes.

A entrevista que se seguiu, parecia ser a mais complexa de se fazer. Fernanda Alves da Costa, que pediu para ser chamada por seu nome social, Landa Ciccone, era uma das responsáveis pela autogestão da CEU. O desafio era fazer com que a entrevistada nos contasse toda a informação sobre a história do prédio e sobre o perfil dos estudantes que moravam ali. Talvez essa foi a entrevista que mais demorou. Começamos a entender quem era Landa e quando vimos estávamos compreendendo como a conjuntura do REUNI/SISU remodelou a UFPel.



Figura 05 – Frame do filme: entrevista com Landa Ciccone

Estudante de filosofia com 32 anos, estava a 4 anos residindo na Casa do Estudante. Natural do Rio de Janeiro, mas vivendo em São Paulo, Landa estudava Educação Física antes de vir para Pelotas e trabalhava nessa área numa escola de ensino básico na capital paulista. Almejava cursar Filosofia e, então, aproveitou a primeira leva do SISU para juntar duas vontades: sair de São Paulo, onde vivia numa incessante correria, e finalmente estudar o que queria em uma universidade pública onde houvesse a possibilidade de suporte assistencialista. No entanto, quando chegou não conseguiu ter acesso à Casa do Estudante nem ao restaurante universitário, então recebeu ajuda de algumas pessoas e ficou vivendo por volta de um ano em uma casa cultural até conseguir uma vaga na moradia estudantil.

Para a entrevistada, a primeira conquista histórica dos estudantes é a ocupação do prédio na década de 1970 pelos alunos da Agronomia e do Direito. Em 1982, também é ocupado pelas mulheres para que tivessem o direito de acesso ao prédio. Segundo ela, sempre é um processo de luta, inclusive os estudantes tiveram que fazer greve de fome para poderem ter direito ao Restaurante Universitário gratuito. Landa ainda fala sobre a Casa do Estudante ser um prédio privado, onde é investido um dinheiro público que não tem retorno social real. A moradia, a alimentação e o transporte são coisas básicas para os estudantes que estão entrando na universidade. Pelo fato desses auxílios muitas vezes não serem concedidos, é preciso que sejam transformados em lei, a exemplo do PNAES, como indica a entrevistada. Para Landa, os estudantes estão lutando para terem o básico, e essa é uma luta diária.

Ela ainda exhibe alternativas para uma casa do estudante feita por e para os estudantes. Informa sobre um desenho universal de casas do estudante, idealizado em um dos encontros nacionais⁶ de moradores no qual ela participou. Trazendo como foco a acessibilidade, algo que não existia na Casa da UFPel. Para a entrevistada, a gestão da universidade vê a casa como alojamento de passagem. No entanto, com a expansão das universidades e com a implementação do SISU o perfil dos estudantes foi modificado, aqueles estudantes que eram no máximo da cidades vizinhas de Pelotas, agora também estavam vindo de outras regiões do Brasil. Muitos deles, inclusive, sequer voltavam para suas cidades nas férias, enquanto outros passavam o curso todo vivendo

⁶ ENCE – Encontro Nacional de Casas de Estudantes.

na Casa do Estudante por não ter condições de retornar para suas respectivas cidades. É necessário mudar a visão que se tem sobre esse prédio e a esses estudantes assistidos, por isso foi pensado e criado um projeto de condomínio estudantil que colocasse em destaque os dez pontos estabelecidos pelo PNAES.



Figura 06 – Frame do filme: entrevista com Guilherme Guiraldelli Moreira (Monique Landelli)

Depois de terminada a entrevista, reorganizamos nosso equipamento técnico em outro canto do mesmo quarto. Em nossa última entrevista naquele primeiro dia, conversamos com Guilherme Guiraldelli Moreira, um rapaz de gênero líquido que, na época, também gostava de ser chamado de Monique Landelli, o qual dividia o quarto com Landa. Guilherme fez questão de se maquiar durante a entrevista. Enquanto organizamos nossos equipamentos, ele organizava suas maquiagens e abria uma cerveja, no outro canto do cômodo Landa cozinhava o jantar numa cozinha improvisada, já que no local não havia espaço adequado para isso. Com suas peculiaridades, experiências e experimentações através de seu corpo, nos deparamos com sua transformação e redescoberta durante o processo de sua vida acadêmica. Vindo de Franca, uma cidade do interior de São Paulo, estudava Pedagogia, e durante os anos que se passaram depois de sua chegada, iniciou um processo de auto aceitação, junto com alguns moradores LGBTQ+ da Casa, que também se travestiam. Nessa época,

começou a experimentar a montagem drag para experienciar vivências na rua e no meio acadêmico. Além disso, podemos notar através de seu depoimento que, para alguns entrevistados, a Casa do Estudante tinha um papel ainda mais importante em suas vidas, funcionando como uma espécie de porto seguro, pois muitos estudantes como Guilherme saíam e voltavam a morar no local por não conseguirem se adaptar fora dali. Segundo ele, a burocracia para alugar um apartamento, a incerteza da falta de dinheiro para pagar as contas mensais e a dificuldade em se alimentar, faziam com que a vida fora da casa fosse ainda mais dificultosa. Para Guilherme, o que mais choca é a construção que possuía de uma universidade dos sonhos, que se bateu de frente com a realidade percebida ao chegar em Pelotas. Ficar em um alojamento provisório e depois se mudar para um prédio com condições mínimas de sobrevivência, além da marginalização que sofrem os moradores diariamente, faz com que o psicológico dos estudantes fique comprometido e por consequência sua vida acadêmica desestruturada.



Figura 07 – Frame do filme: entrevista com Naum Roberto Gomes

No segundo dia, entrevistamos Naum Roberto Gomes, com 21 anos, vindo de São Paulo capital, era um menino religioso e focado em aprender e trabalhar com Cinema de Animação. Como ele já era da área Audiovisual, a câmera já era sua conhecida, logo foi mais fácil “ignorá-la”, fazendo com que nossa conversa fluísse mais naturalmente. Negro e periférico, como a grande parte dos entrevistados, podemos

entender através dele o quanto é difícil permanecer na universidade vivendo num prédio com condições mínimas, convivendo com pessoas desconhecidas e das mais diferentes partes do país, com suas peculiaridades e culturas próprias. Ao chegar em Pelotas, ficou vivendo de favor na casa de algumas pessoas que frequentavam sua igreja até que o alojamento provisório estivesse disponível. O alojamento onde ele ficou possuía grande insalubridade, apesar do prédio ter dois andares, não era indicado usar o andar de cima por perigo de desabamento. Também só podia ser usado um chuveiro de cada vez, pois a energia elétrica caía se os estudantes usassem mais de um chuveiro ao mesmo tempo. Já no semestre seguinte, vagaram alguns quartos na Casa do Estudante, permitindo com que ele se mudasse para a moradia. Naum fala sobre as dificuldades em sair de casa, nos conta que era a única renda fixa da sua família na época em que passou no ENEM, mas que teve que fazer uma escolha para que houvesse uma melhoria de vida a longo prazo. A dificuldade para se fazer coisas básicas na Casa do Estudante também fica clara em seu discurso. Nos traz como exemplo a moradia ser um prédio com cinco andares com uma média de 100 moradores e possuir apenas quatro máquinas lavadoras de roupa, o que dificultava o uso. Para Naum, as Casas do Estudante são uma realidade de diversas universidades públicas pelo país afora. Entretanto, a Casa do Estudante da UFPel é um local de grande estresse e sem estrutura mínima para exercer sua função de moradia. Portanto, o condomínio estudantil⁷ é uma alternativa para mudar essa situação, porém a concretização e realização do projeto ainda é incerta.

⁷ O projeto de condomínio estudantil era uma proposta da gestão do Reitor Mario Del Pino, em 2014 a UFPel chegou a receber projetos executivos para a viabilização da construção do complexo. O complexo iria atender 1.332 estudantes, em seis blocos de moradias, possuindo um restaurante com capacidade de ofertar mais de 1,6 mil refeições por hora, um centro de convivência e uma cancha poliesportiva, além de bicicletário e áreas de lazer. O projeto nunca saiu do papel.



Figura 08 – Frame do filme: entrevista no quarto 410

Ao adentrarmos o quarto de Lucas, Polyana, Poline e Bruna, encontramos outras pessoas além deles. Mesmo assim, fomos pedindo licença e entrando. Conforme íamos montando os equipamentos e conversando, podíamos notar que ali existia a constituição de uma ideia de família. Todos que moravam ou que de certa forma habitavam aquele quarto tinham uma relação muito próxima um do outro. Existia uma união que ia além da mera divisão do quarto. Dessa forma, decidimos que a entrevista seria coletiva e conversamos com os quatro de uma vez só, o que deixou ainda mais clara a união e o cuidado que cada um tinha com o outro. Começamos explicando a dinâmica da filmagem. Já que a entrevista seria em grupo, tornou-se necessário mostrar como se daria o processo. Então, cada entrevistado se apresentou. Lucas tinha 20 anos e fazia Direito, Bruna 27 e cursava Dança, Polyana tinha 21 e fazia Música, e por fim, Poline, que tinha 26 anos e também fazia Dança.



Figura 09 – Frame do filme: entrevista no quarto 410

Começamos a conversa falando dos alojamentos, como cada um tinha adentrado na universidade em um ano diferente. Assim, cada um fez parte de um alojamento distinto, porém, todos possuíam problemas de infraestrutura e segurança, além de uma superlotação. Bruna trabalhava em Porto Alegre como babá durante 8 anos antes de vir pra Pelotas, e viu na universidade uma chance de sair da antiga situação de vida. Polyana trabalhava dando aula de música e fazia parte da Orquestra Municipal de sua cidade, Campo dos Goytacazes, no interior do Rio de Janeiro. Como tinha sido demitida no fim de 2013, resolveu usar sua nota do ENEM para estudar música. Poline, que morava no Rio de Janeiro, trabalhava por lá e decidiu que queria estudar, mesmo tendo consciência da situação da Casa do Estudante e do alojamento provisório da UFPel, decidiu viria para Pelotas estudar dança, já que conhecia algumas pessoas por aqui. E Lucas andava cansado fazer cursinho por anos. Decidido a mudar de vida, veio a Pelotas estudar Direito.



Figura 10 – Frame do filme: entrevista no quarto 410

Polyana trás sua visão sobre a importância do grupo ser unido. Segundo ela, os estudantes vivem na Casa do Estudante em um quadrado com um banheiro em um dos cantos, são marginalizados no resto da universidade, tanto por serem cotistas, quanto por serem moradores desse local. A cada semestre que passa, chegam mais pessoas que não têm onde ficar, nem onde comer, e a universidade não entende isso. O que é um direito de todos os cidadãos e que deveria ser ofertado para todos, fica parecendo privilégio para poucos, por não se ter uma consciência disso.

Os entrevistados alertam sobre a falta de informação e negligência por parte da UFPel com estudantes que são ingressantes, em suma a maioria não sabia sobre a existência de um alojamento provisório como uma espécie de etapa para o acesso à Casa do Estudante. Para Lucas, existe o sonho de uma universidade modelo com locais qualificados para receber esses estudantes ingressantes, que assegure a qualidade de vida desses indivíduos para que tenham uma formação eficaz. Mas o que se encontra é o contrário disso, ou seja, um total despreparo institucional para acolher e assistir essas pessoas.

A distância de casa foi algo presente na conversa com o grupo também. Nos explicaram sobre a dificuldade que alguns colegas possuíam em conseguir voltar para suas cidades no período de férias, pois como esteve presente em outras conversas, o

fato da expansão das universidades públicas pós REUNI e pós implementação do SISU causou um efeito de estufamento de estudantes nas Instituições de Ensino. Isso, então, acarretou na falta de estrutura para suportar tamanha demanda, respingando, dessa forma, nos estudantes que tiveram que se adaptar ao imprevisto institucional que a universidade acabou encontrando como forma paliativa para sanar tal problema.

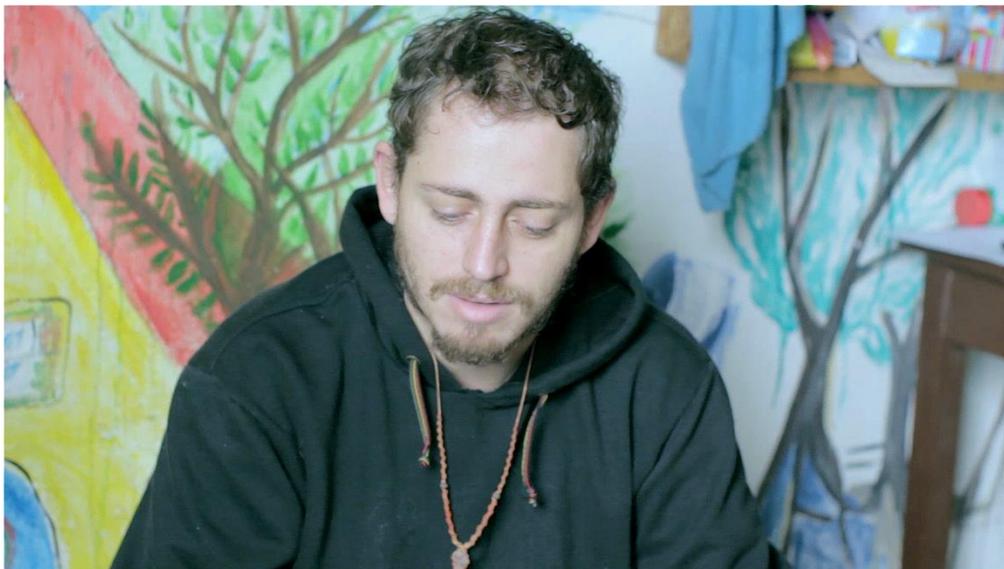


Figura 11 – Frame do filme: entrevista com Ryan

Já no terceiro e último dia, repetimos o procedimento estabelecido nos dias anteriores. Chegamos às 13 horas no prédio e fomos até o quarto onde se daria a entrevista. No entanto, não encontramos nenhum dos quatro primeiros entrevistados no prédio. Por sorte, surge Ryan, vindo do interior do Paraná, um estudante do curso de Teatro que se prontificou a ser entrevistado. Sendo dos poucos que morava sozinho em seu quarto, o qual fora pintado por ele mesmo, era também o único branco presente no filme. Para ele, a maior dificuldade foi sair de casa, escolher abrir mão de uma vida estável e do trabalho formal para entrar em um curso de Teatro, arte subjugada e com pouca visibilidade no mercado profissional. Além disso, o entrevistado nos expõe a importância da Casa do Estudante ter uma cara de ocupação, o que só firma a militância que seus moradores e o que o prédio representa. Para ele, as poucas mudanças estruturais e a autogestão estudantil foram resultado de lutas e ocupações que

ocorreram ano após ano, fruto do movimento estudantil da Casa do Estudante. Para o entrevistado, a universidade tem um papel de repescagem na vida do cidadão comum, funcionando como uma espécie de nova chance para melhoria de vida e *status* social.



Figura 12 – Frame do filme: entrevista com Grazielle Bessa

Em seguida, entrevistamos Grazielle Bessa, que possuía 19 anos e também cursava Teatro e vinha da cidade de São Paulo. A saudade de casa foi algo que se tornou marcante durante nossa conversa. Tanto a equipe quanto a entrevistada ficaram tocados pelo depoimento. A relação com a família, a distância de milhares de quilômetros, a evasão universitária e as dificuldades de uma vida independente foram temas de destaque na entrevista. Para Grazielle, o mais difícil é ver milhares de estudantes entrando na universidade ao mesmo tempo. Contudo, é triste a quantidade de desistências, pois o mais complicado não é entrar, mas sim permanecer na universidade. A sobrevivência para o aluno é o que mais pesa, em uma cidade desconhecida, com pessoas muito distintas e sem o mínimo para se virar. Por esses motivos, vários preferem se desligar de seus cursos e voltar para suas famílias. O mais complicado para ela era ver diversas pessoas queridas se desligando de seus cursos por não conseguirem se manter em Pelotas, mesmo estando na Casa do Estudante.



Figura 13 – Frame do filme: entrevista com Marco Antônio e Naylson Costa

Aquele último dia de entrevista era para ser contemplado pelo Teatro. Por fim, entrevistamos Marco Antônio e Naylson, que também eram estudantes desse mesmo curso. Os dois vinham do interior de São Paulo, um motivado pelo outro. Ambos vieram com o sonho de se tornarem profissionais da arte teatral e procuravam transformar suas realidades através desse ofício. Decidiu-se, então, que iríamos fazer uma entrevista conjunta, em um canto do quarto havia uma mesa redonda, sentamos lá e nos pomos a conversar.

Iniciamos falando sobre suas percepções perante os alojamentos provisórios no qual cada um ficou alojado durante seus primeiros meses na universidade. Marco havia ficado no mesmo alojamento que Naum e seu depoimentos trouxe informações complementares, nos informou que precisaram pegar emprestado materiais para limpeza do espaço, já que nem isso foi disponibilizado por parte da Instituição na época. Já Naylson nos informou sobre um fato ocorrido enquanto voltava para o seu alojamento, teve seu pé quebrado por um assaltante por não ter um tênis de marca original. Tal acontecimento fez com que tivesse que ficar de favor na casa de algumas pessoas da cidade, pois a Casa do Estudante nem a universidade tinham locais adequados para receberem um estudante com necessidades especiais e sua acompanhante.

Para os estudantes, morar num quarto com taco saindo do chão, mofo nas paredes, chuveiro queimado, falta de internet e sem dinheiro para o xerox é uma condição de vida bastante precária. Isso sem mencionar o fato de comer todos os dias a mesma comida no Restaurante Universitário e ainda ter que tirar uma média semestral para conseguir manter sua vaga dentro da Casa do Estudante. Esses fatores oprimem ainda mais o estudante periférico que, muitas vezes, surta por não ter o mínimo para sobreviver confortavelmente. E, além de todas as dificuldades que foram apresentadas, ainda existe a falta de privacidade, pois os quartos são coletivos.

Para ambos, viver na Casa do Estudante representa luta, pois é um ato de resistência permanente estar num prédio que funciona como moradia para pessoas socioeconomicamente vulneráveis. Uma luta que vai além deles, atravessando os anos e persistindo para os estudantes que virão.

Durante os três dias de entrevistas e vivências na Casa do Estudante da UFPel, nossa equipe teve a oportunidade de se pôr no lugar daqueles que viviam por lá para podermos entender melhor seus anseios e seu cotidiano. As dificuldades apresentadas nessas diárias nos fizeram compreender a importância de uma melhor organização na etapa de pré produção, a falta de assistência para a fotografia deixou muito a desejar em vários momentos durante os dias de captação, forçando alguns membros da equipe a exercerem mais de uma função no set. Além disso, a falta de comunicação entre a equipe e alguns entrevistados no último dia forçaram uma adaptação que se fosse em outras circunstâncias poderia deixar o filme incompleto. Por sorte, a conjuntura que se formou com tal situação só ajudou na criação do enredo tecido na etapa que se seguiu.

3. A REFLEXÃO SOBRE O QUE O OUTRO DIZ

O processo de montagem do filme *CEU* se dividiu em várias etapas durante os meses e anos que se passaram. Como o filme primeiramente foi idealizado para a disciplina de Documentário do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPel, concebeu-se então um curta-metragem para ser entregue em tal disciplina. Para o curta fizemos um recorte com três personagens, Wander, Guilherme e Grazielle. O tema de recorte escolhido foram os LGBTQ+ dentro da Casa do Estudante. Partimos da apresentação

dos entrevistados até sua chegada na moradia estudantil. Depois disso, buscamos compreender através de seus discursos como foi se dando o processo de descoberta do lado *drag* ou travesti dentro de si, suas experimentações, os primeiros contatos com a rua, a receptividade dentro e fora da Casa do Estudante, e assim por diante. O tema nem fazia muita referência ao título do filme. Depois de apresentado em aula, o curta-metragem foi abandonado.

Como o volume do material captado era grande e o conteúdo filmado possuía importância histórica e antropológica, decidiu-se que iria ser concedido outro encaminhamento àquele material. Dessa forma, já que o diretor seria também o montador da obra, foi tomado um distanciamento das imagens e, durante quase um ano, o material ficou guardado, sem qualquer tipo alteração em relação ao primeiro corte proporcionado.

Em meados de 2016, o processo de montagem foi retomado. Sem muitas perspectivas quanto à duração final do filme, o objetivo era encontrar falas que se entrelaçassem e complementassem umas às outras, formando assim uma espécie de conversa contínua entre os entrevistados. Ao ver e rever as imagens e os discursos, pôde-se traçar uma linha narrativa e, com base nisso, construir um roteiro a partir do que havia sido captado. O filme, então, foi tomando forma. O anseio era apresentar os personagens primeiramente, explorar suas intimidades e suas vidas antes da vinda para Pelotas, saber seus locais de origem, suas idades, bem entender suas conjunturas sociais anterior à sua chegada para Casa do Estudante. Assim, tornou-se possível saber quais foram os motivos que os trouxeram à UFPel. Após essa apresentação, o foco foi trazer dados sobre a história do prédio, mostrando os motivos pelos quais o alojamento provisório tornou-se importante para a construção da história do filme.

As filmagens ocorreram num momento quando os estudantes procuravam ter voz frente aos problemas que viveram e ainda viviam, como foram tratados quando chegaram na universidade e como ainda estavam sendo tratados naquela época. Era um período histórico no Brasil, pois se tratava da expansão das universidades públicas com a formação do REUNI e os primeiros anos da implementação do SISU na UFPel, o que permitiu que um grande número de pessoas negras e periféricas oriundas de escolas públicas de outros estados viessem estudar em Pelotas. No entanto, a expansão foi dada

apenas em número de cursos e vagas. Em contrapartida, em matéria de estrutura assistencialista quase nada tinha sido feito de modo mais substancial. As imagens do filme tentam dar voz a essas pessoas sem assistência, possuindo ampla vulnerabilidade socioeconômica. Nesse sentido, foi necessário ponderar e mostrar ao mesmo tempo a história da assistência estudantil na UFPel, o estudante periférico que fazia parte desse contexto e questionar qual era o papel da Instituição de ensino superior na vida desses indivíduos.

Após esse período de observação, o filme foi estruturado, e a montagem o dividiu em quatro partes. No início do filme, são apresentados os 13 personagens que nos acompanharão durante o documentário. Buscando compreender suas inspirações, é nesse primeiro bloco onde entendemos melhor suas trajetórias até o momento da chegada em Pelotas. De onde vieram, a idade média entre eles, a relação familiar, a vida pregressa, até a escolha do curso que frequentavam.

Na sequência, a intenção foi trazer suas primeiras experiências na cidade de Pelotas e na UFPel. Saber como tiveram noção da existência da Casa do Estudante, um local que servia de moradia para os ingressantes que se enquadravam em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, ou seja, para os estudantes que não tinham condições de custear uma residência. Dessa maneira, o filme buscou discorrer sobre as políticas públicas de inclusão da UFPel e suas etapas, fazendo um recorte direcionado à compreensão da importância do alojamento provisório e da transição dos estudantes para a Casa do Estudante.

Na parte que se sucede do filme, a Casa do Estudante e sua história nos são apresentados. Compreendemos, então, como a comunidade universitária e a sociedade em geral marginaliza os moradores. Os depoimentos dos personagens nos informam sobre os problemas estruturais da UFPel e do próprio prédio da Casa, entendemos como uma estrutura física e sistemática pode agravar ainda mais a exclusão e a permanência de estudantes periféricos e vulneráveis na universidade. Além disso, tomamos conhecimento da importância do papel do PNAES – Plano Nacional de Assistência Estudantil na vida desses estudantes, vendo como seu gerenciamento por parte da UFPel é ineficaz.

A última parte se concentra nas experiências que esses estudantes moradores da Casa do Estudante da UFPel vivenciaram. A ausência de um ambiente estruturado que ofereça qualidade de vida, privacidade e também um espaço de convivência, resulta em estudantes sem integridade física e psicológica para que consigam desenvolver um bom aproveitamento dentro da sala de aula. Preocupações com o que comer, a falta de um acompanhamento médico, de estrutura para a realização de trabalhos propostos em sala, a distância da família, as dificuldades com a adaptação em uma cidade e casa novas, os impactos do SISU/REUNI, mas, além disso, o filme se encerra questionando o papel da universidade na vida do cidadão.

Para se chegar nessa estrutura de montagem, durante esses três anos que se passaram após as gravações, a falta de estrutura para conclusão do projeto foi algo muito presente. Por não possuímos uma ilha de edição própria, o trabalho de montagem necessitava ser feito em estrutura de terceiros, o que ocasionou diversos percalços pelo caminho.

O filme, que seria concluído no fim do ano de 2016, teve seu processo de montagem pausado diversas vezes. Num primeiro momento travamos por conta de logística de distribuição, pois não havia um planejamento inicial de como seria distribuído o filme. O desejo inicial era mostrá-lo para estudantes secundaristas que estivessem concluindo o ensino médio, além de estudantes de universidades públicas do país. Porém, haviam também o interesse de circulação através de festivais cinematográficos. Para tal feito, trabalhamos a divulgação⁸ na disciplina de Design para Projeto do 5º semestre do Curso de Cinema da UFPel, utilizando cores que traduzissem a morbidez do espaço, tanto no material publicitário quanto no *color grading* posteriormente, criando assim uma uniformidade estética no produto final.

Nesse meio tempo, também nos dedicamos à confecção da trilha sonora do filme. De partida, o uso de um som produzido por violinos parecia o mais lógico a ser usado, pois a sensação de melancolia empregada nas paredes do prédio poderiam ser transpassadas facilmente pelas notas profundas de tal instrumento. No entanto, os sons que produzimos ficavam apelativos demais, fazendo com que se passasse uma sensação de dó e sofrimento, foi aí então que usamos um instrumento mais

⁸ Posters em anexo no fim do relato.

convencional, optamos por um dedilhar de violão o qual trazia uma intenção de luta e resistência, o qual traduzia mais a intenção que procurávamos transpassar para os espectadores.

Após o corte já ter sido parcialmente finalizado, da trilha, calorimetria e divulgação já estarem firmadas, passamos por um novo desafio. Agora o momento histórico era outro, já se passavam três anos daquele instante em que o Brasil expandia seu ensino superior e abria portas para das IES para os menos favorecidos, a Casa do Estudante não existia mais, ao menos não naquele prédio, nem com aquelas pessoas. Grande parte dos estudantes que foram entrevistados não estudavam e nem moravam mais em Pelotas. Aquelas imagens que ficaram adormecidas agora tinham outro papel, eram o retrato de um momento e de um local que não existia mais. Era necessário fazer uma releitura daquelas imagens a partir do contexto social e histórico atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU QUANDO O OUTRO TAMBÉM SOU EU

Durante o processo de confecção do filme, existiram muitas mudanças, tanto relacionadas à obra quanto transformações proporcionadas ao próprio realizador. Ao tentar entender os moradores através do documentário, vi que neles havia muito da minha trajetória como estudante. Por ser um universitário proveniente de área rural e com baixa renda familiar, durante os anos de curso também tive dificuldade em me manter em Pelotas. Ao escutar os depoimentos, via muito dos anseios e frustrações que havia passado nos primeiros anos de faculdade. Sendo assim, aquele filme que a principio buscava entender como viviam os moradores da Casa do Estudante da UFPel foi mudando e, ao concluí-lo, notei que minhas vivências se assemelhavam bastante com a trajetória experimentada por grande parte dos estudantes periféricos e vulneráveis desse local, onde são recorrentes a incerteza de não ter onde morar, a fome, a falta do material para as aulas, a distância da família e os problemas estruturais da instituição, que agravam ainda mais suas condições de vida.

Sendo assim, o filme *CEU* passou de um projeto inspirado no método de abordagem de Eduardo Coutinho para um projeto inspirado em minhas vivências como estudante durante os anos que em cursei Cinema e Audiovisual na UFPel. Foi ao me

debruçar em experiências e dificuldades de adaptação e luta para permanecer estudando que construí o filme, com o intuito de exteriorizar essas vivências que boa parte dos estudantes periféricos também passam.

O filme ressalta a importância de políticas públicas de inclusão e assistência social dentro das universidades, mostrando através de suas imagens o reflexo de um momento histórico para o Brasil, com a implementação de programas governamentais como o REUNI e o SISU. A inserção de pessoas periféricas num meio elitizado como é a universidade, de modo geral, alterou a percepção de mundo delas. Famílias inteiras que nunca pensaram em ter seus filhos cursando um ensino superior por falta de dinheiro, agora podiam sonhar com uma possível mudança de vida.

No entanto, durante o processo de relato de minha experiência como realizador, noto que houve muitas mudanças nesse período de três anos após a captação das imagens e sons. A Casa do Estudante presente no filme não existe mais e a maioria dos entrevistados já não moram mais em Pelotas, enquanto outros nem conseguiram concluir seus cursos. A conjuntura histórica brasileira e da UFPel também já são diferentes. Sendo assim, tornou-se necessária uma reestruturação para o filme que por anos ficou guardado. É preciso tratá-lo como um filme de memória, pois não existe mais o calor histórico daquele momento pós REUNI e SISU pelo qual o país passava. O momento que estamos lidando é de cortes nas universidades públicas e mais uma vez os alunos periféricos e vulneráveis podem sofrer um retrocesso em seus direitos já conquistados. A ameaça que assombra o ensino em nosso país vem crescendo desde o golpe de 2016, o que levou ao *impeachment* da presidenta Dilma. Por isso, é necessário que o filme *CEU* passe por uma recontextualização para que se adeque à nossa história atual.



Figura 14 – Foto dos moradores no dia da desocupação do prédio da antiga CEU UPFeI

Bibliografia:

COMOLLI, Jean Louis. *Ver e Poder: a inocência perdida: cinema, televisão ficção, documentário*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LINS, Consuelo. *Filmar o real*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus, 2005

ACADEMIA BRASILEIRA DE CINEMA. Disponível em: <<http://academiabrasileiradecinema.com.br/edificio-master/>>. Acesso em: 24 de out. 2018.

G1 – Cineasta Eduardo Coutinho é morto a facadas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/cineasta-eduardo-coutinho-e-morto-facadas-no-rio.html>>. Acesso em: 25 de out. 2018.

PNAES. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnaes>>. Acesso em: 22 de out. 2018.

PRAE UFPel – Moradia Estudantil. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/prae/coordenadoria-de-beneficios-estudantis/coordenadoria-de-moradia-estudantil/>>. Acesso em: 18 de out. 2018.

PRAE UFPel – Alojamento provisório. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/prae/2012/03/02/alojamento-provisorio/>>. Acesso em: 18 de out. 2018.

REUNI. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/reuni-sp-93318841>>. Acesso em: 20 de out. 2018.

ENCE. Disponível em: <<http://sencebrasil.blogspot.com/p/sobre-sence.html>>. Acesso em: 06/12/2018.

Condominio Estudantil. Disponível em: <<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2015/10/06/ufpel-recebe-projetos-do-novo-condominio-estudantil/>>. Acesso em: 06/12/2018.

Filmografia:

EDIFICIO MASTER. Eduardo Coutinho. Brasil, 2002

COUTINHO.DOC – APARTAMENTO 608. Beth Formagini. Brasil, 2009